

RELATO DE ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM A PRESENÇA DAS MADEIREIRAS NA RESERVA DOS XIKRIN DO RIO CATETÉ.

Durante a minha última permanência entre os índios Xikrin, enquanto prestava assistência médica e realizava exames de sangue, fui surpreendido pela chegada de aviões com os invasores da reserva demarcada. Tive a oportunidade de conhecer e conversar com os representantes das madeireiras e das fazendas invasoras, fotografar os acontecimentos e gravar todos os diálogos. As fotografias e gravações foram encaminhadas às autoridades responsáveis.

Os interessados na ocupação da área indígena fizeram propostas comprometedoras aos índios, enquanto o médico presente conseguia dar a impressão de alienação ou desinteresse pelos problemas em questão e prosseguia gravando.

A descrição que a seguir desenvolvo segue o roteiro dos acontecimentos.

A madeira do Pará entrou com piques em grande extensão do território Xikrin, chegando ao rio Seco, um dos rios mais vitais para a sobrevivência da tribo. Os empregados dessa madeira fizeram uma clareira próxima do rio Seco e da aldeia Xikrin, de onde o avião lançou mantimentos (arroz, açúcar, medicamento) para os trabalhadores. Os índios escutaram e viram da própria aldeia o avião fazendo manobras de lançamento de mantimentos aos desmatadores da empresa.

Os índios aprisionaram dois trabalhadores e os entregaram à FUNAI, no Posto do Cateté no dia 3 de julho de 1980, sendo que um terceiro elemento trabalhador da Karson tentou alvejar ou baleiar os índios, o que levou estes a fraturarem o braço desse agressor com borduna. Confiscaram duas moto-serras e vários revólveres que estavam sendo usados pela madeira.

O avião fretado pela madeira, o mesmo que realizou o lançamento de mantimentos na clareira desmatada pelos trabalhadores, desceu no dia 8 de julho de 1980 na pista da aldeia Xikrin, sem autorização governamental, com o encarregado e responsável da firma em Xinguara, além do piloto e um ex-braçal durante 3 anos entre os Xikrin, e atual auxiliar de sertanista da FUNAI. O encarregado da madeira e o piloto alegaram que foram buscar o funcionário da FUNAI na fazenda Bonaki, de onde este estava tentando aproximação com um grupo Paracanã, há 40 minutos de vôo do Cateté, pois era conhecedor dos Xikrin, e vieram à procura dos seus trabalhadores-prisioneiros.

No dia 9 de julho de 1980, o mesmo avião fretado pela madeireira e pilotado pelo menos profissional retornou à pista da aldeia Xikrin, novamente sem autorização da FUNAI, acompanhado do mesmo funcionário da FUNAI trazendo grande quantidade de pacótes de cigarros, bombons e *chichets*, sacos de laranja, tentando aliar ou agradar os índios. Os dois elementos receberam ordem de se apresentar na Delegacia da FUNAI em Belém para esclarecimentos.

Segundo o senhor W.L., as madeiras e, em particular, o mogno da região estão saindo via Xinguara para todo o país, indo chegar ao Paraná. Esse representante da madeireira afirmou que outras madeiras, de grupos do Paraná e Belem, atuam na região.

De acordo com o depoimento dos índios Xikrin, a cabeceira do rio Seco foi atulhada por estradas dos invasores.

Os invasores entram pela região sul, vindo de Xinguara, sendo que até mesmo a estrada próxima do rio Cateté foi referida pelos índios. Devo dizer que o Cateté e o rio Seco são dois principais rios usados pelos Xikrin e, portanto, vitais para a sobrevivência do grupo tribal. O desmatamento e o atulhamento das cabeceiras de rios comprometem toda a ecologia da região.

No dia 10 de julho de 1980, pelo terceiro dia consecutivo, desce um outro avião, sem autorização da FUNAI ou governamental, na pista da aldeia Xikrin. Nesta viagem, vinham outros ocupantes da reserva Xikrin, o senhor G.T., dono da fazenda Japonesa e controlador da fazenda Larangeira, ambas invasoras, o senhor M.R.S., encarregado da fazenda Boa União do grupo madeireiro invasor Pau D'Arco e que, para surpresa minha, apresenta-se como vulgo Cardoso, o advogado J.T.M., proprietário da fazenda Macedônia e vizinho dos Gorotire, amigo pessoal do senhor L.H., que é o proprietário da madeireira invasora Pau D'Arco, e o piloto R.V.G. O avião pertencia à madeireira Pau D'Arco, tendo o nome gravado.

Segundo os índios, existe estrada na área invadida por uma madeireira, caminhão Mercedes Bens, dez moto-serras em trabalho de derrubada de mogno, muitas toras sendo retiradas ou aguardando transporte, duas pistas para aviões.

De acordo com Bemoti, o avião da madeireira ou do L. H. foi buscar o seu amigo G.T. da fazenda Japonesa e da fazenda Laranjeira, e o amigo advogado J. No pensamento correto do *Benapjure* Bemoti, o avião saiu de Boa União, desceu na fazenda Japonesa e assim foram embarcando os invasores-amigos para descerem na aldeia Xikrin. Os fazendeiros ou medeiros invasores, todos se avisam no momento necessário, e, segundo Bemoti, se no monomotor coubessem mais pessoas, teriam vindo outros integrantes.

Entre outros integrantes invasores da área Xikrin e que retiraram madeira, segundo informações do senhor G.T. e do vulgo Cardoso, estariam o J.F.G. e

P.B. (Vulgo Pedro Caçador), um tal de Taborda e um tal de Rubens Caçador. Este seria o encarregado de um grupo sediado em Xinguara e que estaria retirando mogno no rio Seco, segundo depoimento dos índios.

O senhor G.T. perguntou se não havia inconveniência em soltar o seu gado em internada ou pastaria dentro da reserva Xikrin, pois que o anterior Delegado da FUNAI e o atual advogado de Belém não autorizavam nem desautorizavam. Perguntou-me se não havia escutado alguma coisa sobre a redução da área Xikrin, pois era voz corrente na região que a área sul da reserva Xikrin seria dos índios ou a área indígena seria recuada, e então ele entraria em mais dois lotes comprados, porém sem título e em plena reserva indígena demarcada, de onde ele estava zelando para que a madeira não saísse.

O vulgo Cardoso, encarregado da madeira, juntamente com o senhor G.T. da fazenda Japonesa, propuseram o deslocamento de uns 20 índios para a região sul, a fim de policiarem a área onde se situam as fazendas invasoras. Os índios assustariam os outros invasores, pois que, segundo o Cardoso e o G., os civilizados somente temem os índios, e no caso de maior necessidade viram buscar reforço de homens. Os índios seriam uma espécie de jagunços ou policias da sua própria reserva ocupada em troca de rancho ou comida garantida.

Os índios confiscaram dos visitantes todos os pertences, incluindo roupas e revólveres, deixando com roupa somente o vulgo Cardoso que prometia aos índios e em particular ao *Beb-diare* vôos no território com finalidade de identificar outros ocupantes ou invasores. No dia seguinte, pousou o avião da FUNAI e removeu os visitantes-invasores-prisioneiros dos índios.

A situação atual parece muito grave, muito tensa para os índios que assistem aos piques e estradas das madeiras chegarem à aldeia. Tenho receio que conflitos graves possam acontecer a qualquer momento e seria lastimável a perda de vidas.

* * *

Em julho de 1979, a professora Lux Vidal e eu constatamos a invasão da reserva por madeiras e fazendas, e levamos ao conhecimento da Presidência da FUNAI. A FUNAI constituiu um grupo de trabalho em cumprimento ao despacho exarado na Portaria nº 601/E, de 16/8/79, que no seu relatório propôs ação imediata. Esse grupo de trabalho propôs a remoção dos elementos invasores da atual área, paralisação da retirada de madeiras, e ampliação da área no limite sul, unindo as reservas Xikrin e Gorotire. A situação ficou na base da psoposta, sem qualquer medida efetiva.

Em janeiro de 1980, novamente a professora Lux Vidal e eu solicitamos medidas urgentes à Presidência da FUNAI. A situação permaneceu sem resolução.

Esperamos que medidas eficientes venham a ser tomadas em defesa da sobrevivência dos Xikrin e de seu território diante da gravidade da situação atual.

João Paulo Botelho Vieira Filho
Escola Paulista de Medicina, São Paulo